

GRASIelly SOBReIRA NOGUEIRA

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE COM
FOCO NAS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS**

GOIÂNIA

2023

GRASIELLY SOBREIRA NOGUEIRA

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE COM
FOCO NAS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Pollyanna Rosa Ribeiro

GOIÂNIA

2023

GRASIELLY SOBREIRA NOGUEIRA

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE COM FOCO NAS
CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Pollyanna Rosa Ribeiro

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof.(a). Convidado(a):

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Média final: _____

Goiânia, ___/___/2023

DEDICATÓRIA

Essa conquista também é sua mãe, que sempre lutou comigo nas minhas batalhas.

AGRADECIMENTOS

Grata a Deus que nunca deixou de cuidar de mim em todos os meus processos. Um abraço cheio de amor aos meus amigos que me ofereceram um lugar de paz e alegria durante os momentos de ansiedade. E um agradecimento especial a minha professora Pollyana Rosa que além de me orientar, me inspirou como profissional.

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE COM FOCO NAS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS

Grasielly Sobreira Nogueira

Pollyanna Rosa Ribeiro

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo específico investigar o processo de aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral na Educação Infantil, especialmente nos anos iniciais. A pesquisa busca compreender como a pedagogia na Educação Infantil pode contribuir para o processo de desenvolvimento integral da linguagem oral, analisando diferentes propostas pedagógicas que favorecem a aquisição da oralidade de forma natural para bebês e crianças menores, bem como as atitudes de comprometimento dos docentes em relação à esta fase própria de formação das crianças. A fundamentação teórica é baseada principalmente nos estudos de Lev Vygotsky sobre o desenvolvimento infantil e suas relações e construções com as interações sociais. O primeiro capítulo aborda a importância da linguagem como referência para a compreensão da complexidade do assunto e sua relevância na vida humana. O segundo capítulo destaca a prática dialógica, com ênfase na proposta da Roda de Conversa, como aspecto central na rotina das crianças, enfatizando a valorização do vocabulário infantil como um instrumento para o desenvolvimento de habilidades essenciais para uma convivência plena em sociedade. Por fim, o trabalho promove uma reflexão sobre a formação pedagógica e como os docentes da área devem questionar as abordagens tradicionais de ensino que enfatizam o ensino precoce das letras, uma vez que discutido as contribuições da valorização da produção oral infantil como parte integral do desenvolvimento das crianças durante a infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenvolvimento. Linguagem. Oralidade. Roda de Conversa.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <u>INTRODUÇÃO</u> | 8 |
| <u>CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E APONTAMENTOS DE AÇÕES PEDAGÓGICAS FOCADAS NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE</u> | 14 |
| 1.1 <u>Oralidade: em busca de um conceito</u> | 13 |
| 1.2 <u>As contribuições de Vygotsky sobre a trajetória de desenvolvimento da linguagem oral</u> | 17 |
| 1.3 <u>Apontamentos de ações educativas na Educação Infantil tendo como foco o desenvolvimento da oralidade</u> | 23 |
| <u>CAPÍTULO II - O VALOR DA RODA DE CONVERSA PARA CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, DENTRE OUTRAS AÇÕES PEDAGÓGICAS</u> | 30 |
| 2.1 <u>Roda de conversa: contribuições no ambiente pedagógico</u> | 31 |
| 2.2 <u>Propostas de atividades que envolvem a roda de conversa</u> | 35 |
| 2.3 <u>Oralidade: estímulo constante</u> | 39 |
| <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> | 42 |
| <u>REFERÊNCIAS</u> | 45 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC) inserido na disciplina que carrega esse título, do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Em caráter de pesquisa bibliográfica, a questão que norteia esta monografia é: como é vivenciado o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral dos bebês e crianças bem pequenas? Logo, o objetivo desta monografia é compreender o que constitui e o que favorece processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral dos bebês e crianças menores no contexto educativo institucional.

Este tema se coloca na legislação que rege as instituições de Educação Infantil, por exemplo, na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), nota-se que a linguagem oral se destaca como aspecto primordial no currículo da primeira etapa da Educação Básica. O documento estabelece que cabe ao currículo, a instituição escolar e o profissional da área “possibilitar às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (BRASIL, 2010, p. 25).

Esse mesmo documento prevê que os elementos que constituem a organização do trabalho pedagógico voltado para a tenra idade devem priorizar “a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança” (BRASIL, 2010, p. 19), isso quer dizer que a linguagem oral é um aspecto fundamental entre outros, já que a criança é um ser integral e que a atuação docente necessita percebê-la como tal, assim como oportunizar uma gama de aprendizagens que assegurem seus direitos de brincar, representar diferentes papéis, perceber e explorar o mundo a sua volta, dialogar e atribuir sentido à cultura.

Portanto, esse entendimento se coloca na posição da defesa do processo de desenvolvimento da linguagem como saberes de ação: simbólicos, expressivos, científicos, artísticos e tecnológicos. Sendo a partir desta a capacidade de expressar-se, falar e narrar infinitamente. Nesse sentido, este projeto busca compreender os fatores que compõem o percurso da origem e do aprimoramento da fala no contexto educacional.

A discussão sobre como é construído o percurso de aquisição da linguagem oral pelos bebês e crianças menores, de acordo com a perspectiva vygotskyana, tem como destaque as interações com seu meio social. A partir disso, outras questões mediadoras são relatadas para o encaminhamento do projeto, tais como: O que é linguagem oral? Qual o papel das instituições no processo de aquisição e desenvolvimento dessa linguagem? Quais as condições e as mediações necessárias para a aquisição da oralidade?

Enquanto acadêmica do curso de Pedagogia, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre o trabalho docente com as crianças, nesse contexto destacam-se três disciplinas como norteadoras para a escolha e progressão do tema citado neste trabalho. A disciplina de Alfabetização e Letramento II, permitiu o esclarecimento acerca do processo de aprendizagem da leitura, escrita e linguagem; a disciplina de Psicologia da Educação I, foi responsável pela introdução das principais teorias educacionais para o exercício da pedagogia e finalmente as disciplinas relacionadas à Educação Infantil, Estudos Sócio-Históricos da Pedagogia e Estágio Supervisionado I e II, que salientaram as necessidades e especificidades das crianças na primeira etapa da Educação Básica.

Buscando aprimorar minha formação inicial enquanto estudante, realizo estágio não obrigatório há dois anos como auxiliar de professora de sala de aula em escolas privadas do município de Goiânia, mais diretamente na Educação Infantil. Nessa realidade é possível relacionar e analisar diversos aspectos teóricos e práticos da pedagogia de forma mais intensa. Em três anos de profissão, um assunto em específico, me chama a atenção: a prioridade da antecipação do processo de alfabetização em detrimento do desenvolvimento da oralidade, ou seja, valoriza-se principalmente o contato cotidiano das crianças bem pequenas com leitura e escrita, ao invés de investir nas trocas orais como base para o desenvolvimento integral das crianças.

O parecer da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), nº 20/2009, aprovado em 11/11/2009, cita que:

a aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus

próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado (BRASIL, 2013, p. 94).

Percebe-se aqui a necessidade de trabalhar no dia-a-dia e continuamente atividades que mobilizem, provoquem e favoreçam o processo de desenvolvimento da fala. Isso ocorre de forma quase que espontânea no âmbito familiar da criança quando os adultos conversam com elas, mesmo que não saibam falar de forma compreensível; ao dirigir perguntas para as crianças; a nomearem as coisas do mundo e pedir para que a criança repita o que ouviu, dentre tantas maneiras que ocorrem as trocas orais.

O interesse por essa temática relacionada à oralidade, parte do caso de uma criança em específico do maternal, ao 1 ano e 8 meses de idade, que ingressou na escola privada em que trabalho se comunicando pela linguagem corporal usando gestos, balbucios, olhares, apontamentos, choros, expressões faciais, movimentos e gritos. Certo dia, a professora regente trabalhou com o agrupamento a letra M, durante uma semana. Foram propostas atividades como: encontrar a letra dentre outras letras, pintar essa consoante na parede e desenhar no papel a letra.

Entretanto, essa criança não demonstrou interesse nas propostas organizadas pela professora, somente aderiu ao contexto e interagiu nessas atividades propostas quando a professora destacou oralmente a palavra “mamãe”, como “M de mamãe”. Dessa forma, a criança se envolveu a partir de um sentido que ela alcançou, nesse momento ela esboçou sua primeira tentativa de fala, dizendo “mamãe” de forma compreensível a quem escutasse. Essa demonstração evidenciou para mim que o contexto lúdico e significativo é preponderante para o processo de aprendizagem da linguagem oral e que este é mais relevante na creche do que o trabalho com a identificação de letras, até porque a língua oral precede a aprendizagem da escrita.

Refletindo sobre essa situação, penso que mais importante do que apresentar letras soltas, poderia ser feita a acolhida, a mediação nas relações com os colegas, promoção das interações com os demais profissionais do meio escolar, a exploração do ambiente e dos materiais, a manipulação dos elementos da natureza, propostas de brincadeiras, de cantigas, conversas sobre as

descobertas, entre outras formas de intervenção baseadas no diálogo, que é uma manifestação sócio afetiva fundamental no trabalho da creche, tal como o documento acima apresentou.

Cagliari (2010) em seu livro “Alfabetização e Linguística”, defende que a atitude de priorizar a escrita, isolando a fala e suas subjetividades é desvalidar a oralidade como eixo do desenvolvimento das demais atividades da língua. Desconsiderar a compreensão real da fala pode afetar o desempenho da criança na relação com a instituição, pois sua relação com a oralidade é a prioridade, dentre outras linguagens e experiências educativas mais relevantes para as crianças dessa faixa etária.

Ser capaz de se manifestar oralmente é uma grande conquista para qualquer criança pequena. Aprender a falar não é da ordem do desenvolvimento natural ou orgânico, requer um percurso repleto de instigação e dedicação cotidianas iniciada pela família desde que o bebê nasce e pode ser ainda mais potencializado pela atuação de profissionais da educação. Essa aprendizagem é um marco muito importante na vida da criança, é uma mostra de que ela se humanizou no sentido que é produto e produtora da cultura, uma falante nativa da língua da comunidade que faz parte.

Para definir um falante nativo, segundo o linguista brasileiro Luís Carlos Cagliari (2010) é considerar que o indivíduo possui um vocabulário básico que permite a comunicação de acordo com as regras gramaticais elementares da língua. O mesmo salienta que uma criança a partir dos 3 anos de idade, possui o dialeto próprio de sua comunidade linguística e naturalmente possui um vocabulário limitado, já que o sujeito utiliza palavras relacionadas às suas necessidades linguísticas comunicativas. Entretanto, é apontado que um falante nativo mesmo tão novo, supera até adultos que mesmo com muito estudo para o domínio de uma língua estrangeira não conquistam tal proficiência linguística tão velozmente quanto a criança bem pequena.

Logo, o assunto apresentado neste trabalho situa-se como um ponto de discussão imprescindível de conhecimento de um pedagogo. Isto posto, é necessário acompanhar atentamente o percurso de desenvolvimento da fala das crianças visando assim contribuir de forma qualitativa nas aprendizagens promovidas nas instituições, entendendo que a criança merece um profissional paciente e ciente do seu tempo e contexto.

Além das questões já presentes na problematização deste trabalho, esse episódio me provocou a buscar desvendar as indagações: se a oralidade antecede o processo de alfabetização por que priorizar o contato com leitura e escrita dos bebês e crianças menores de forma descontextualizada e mecânica? Qual o sentido em promover atividades voltadas somente para repetições de letras e de palavras se estas não têm significado real e interesse das crianças? Requisitar a leitura e a escrita relacionadas à alfabetização de bebês e crianças bem pequenas dessa maneira me parece trabalhar de forma acelerada e forçada com a leitura e escrita, de maneira que atropela o processo de aprendizagem da linguagem oral e de outras dimensões tão relevantes para o desenvolvimento integral das crianças.

Tendo por principal metodologia a pesquisa bibliográfica para discorrer sobre os aspectos que acompanham a aquisição da oralidade, amparando-se nos conhecimentos trabalhados durante o curso de graduação. Considera-se como principais referências alguns dos livros de destaque na área de linguística e as principais fundamentações teóricas são respaldadas nos estudos de Lev Vygotsky acerca do desenvolvimento oral e da aprendizagem da língua por parte dos bebês e das crianças bem pequenas, recorrerei principalmente a esse teórico responsável pela perspectiva em que o desenvolvimento intelectual das crianças decorre em função das interações sociais e das condições de vida.

Baseando-se no psicólogo que sustenta a tese entre a relação entre pensamento e linguagem, busca-se compreender as situações que contornam desde o início do desenvolvimento até a aquisição da linguagem oral pela criança. Nesse sentido, Cagliari (2010) também servirá como fundamento para a discussão aqui colocada, assim como Cairuga, Castro e Costa (2015), Hoffmann e Silva (2011), Rocha e Kramer (2011), Oliveira (1995) Vygotsky (1934-1991) dentre outros.

O primeiro capítulo do trabalho aqui disposto, trata-se de procurar conceituar a linguagem oral, entendendo que, a mesma possui características específicas que precisam ser salientadas para então compreender como se dá o processo de aquisição e desenvolvimento da língua oral. Assim, temos marcos do desenvolvimento da oralidade infantil e a extrema importância da conquista da oralidade na vida de uma criança, concretizando uma participação mais ativa do sujeito na sociedade. O destaque do capítulo, no entanto, é apresentar

contribuições fundamentadas nas reflexões de Vygotsky, acerca de aspectos sociais e mentais associados ao processo de aquisição e evolução da linguagem oral.

No segundo capítulo desta monografia, o foco é direcionado para as contribuições da proposta metodológica da roda de conversa como prática pedagógica na Educação Infantil, com ênfase no desenvolvimento oral das turmas de bebês e crianças menores. Nesse sentido, o objetivo principal é apresentar e discutir atividades que se estabelecem como relevantes para as crianças nessa fase específica do desenvolvimento humano.

Essas atividades visam promover um ambiente de interação e diálogo, permitindo que as crianças se expressem oralmente, compartilhem experiências, ampliem seu vocabulário e desenvolvam habilidades comunicativas de forma lúdica e significativa. Através da roda de conversa, busca-se fortalecer a linguagem oral como uma ferramenta fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E APONTAMENTOS DE AÇÕES PEDAGÓGICAS FOCADAS NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

A ação de comunicação não se manifesta de forma isolada, pelo contrário, os diferentes tipos de linguagem interagem entre si, como é o caso da oralidade, que se expressa simultaneamente à linguagem corporal. Compreender o conceito de linguagens implica compreender as práticas sociais que envolvem múltiplas possibilidades de expressão e interlocução entre os sujeitos. Nesse contexto, é fundamental explorar o conceito de oralidade e compreender como essa forma de linguagem é internalizada pelas crianças desde os primeiros anos de vida, tomando como base as contribuições de Vygotsky. Além disso, é necessário destacar as ações pedagógicas que podem promover o desenvolvimento da oralidade nessa fase do desenvolvimento infantil, entendendo que a pedagogia e o ambiente escolar tem um papel de suma importância no processo de amadurecimento para aquisição e desenvolvimento da oralidade.

1.1 Oralidade: em busca de um conceito

Para a produção da oralidade, o aparato corporal é uma das condições primordiais. A neuroanatomia explica que não existe um aparelho próprio para produzir o som da fala, esta é o resultado de um trabalho em conjunto de órgãos que trabalham em prol da vocalização, o denominado, aparelho fonador. O som da voz efetuado é produzido por uma corrente de ar saída dos pulmões. Inicialmente é necessário salientar que, linguagem oral não é traduzida somente como o ato ou a produção sonora. É caracterizada como toda relação e interação de sentido imediato. Sendo assim, expressões faciais, gestualidade, emissão de fonemas com mímica, olhares e interlocutor são considerados componentes da fala.

As emoções, também são consideradas uma forma de comunicação. O sujeito, desde bebê, entende o que sente e manifesta a necessidade designada por balbucios, expressões e palavras. O choro dos bebês, por exemplo, traz consigo vários significados emocionais, podendo ser a representação de dor,

medo, fome e até mesmo prazer, segundo Wasz-Hockert (1995). Faz-se assim de extrema importância que os indivíduos desde pequenos sejam capazes de compreender, manifestar e trabalhar suas emoções e sentimentos. Mesmo utilizando da linguagem não verbal também são válidos como aprendizado.

A linguagem se destaca como um marco no processo de desenvolvimento humano, já que é por meio dela que é possível comunicar, expressar, compartilhar cultura, conhecimento, experiência e possibilita os sujeitos modificarem seu contexto social. Através do desenvolvimento da oralidade, a criança adquire a capacidade de estabelecer interações verbais com seu ambiente e participar ativamente das trocas comunicativas com os demais membros da comunidade. Esse progresso permite que ela se torne um indivíduo compreendido socialmente, habilitado a se apropriar e produzir cultura, logo a prática comunicativa reflete em sua pertença a determinados grupos sociais e permitem a construção de sua identidade cultural, o que resulta em sua concretização como sujeito social.¹

Por meio da capacidade de comunicar-se verbalmente, a criança torna-se capaz de compartilhar ideias, expressar necessidades e desejos, participar de atividades colaborativas e manifestar suas emoções, fomentando assim sua integração e inserção social. Além disso, a aquisição da linguagem oral proporciona à criança o acesso aos sistemas simbólicos e às formas de conhecimento compartilhadas pela sociedade em que está inserida, permitindo-lhe compreender e interpretar o mundo ao seu redor. Dessa forma, a habilidade de interação verbal constitui um importante marco no desenvolvimento da criança, contribuindo para sua construção como sujeito socialmente competente e participativo.

A linguagem é mediadora entre as relações com o meio social e responsável pela construção da singularidade de cada indivíduo. Também é incumbida de efetivar a transferência das funções elementares de ordem biológica, assim como, o reflexo, a memória e vontade, em funções psicológicas superiores, como, o pensamento, a memória avançada e atenção (VYGOTSKY, 1991).

¹ Para Vygostky, o ser humano é um sujeito resultante da interação entre as dimensões biológicas e sociais, sendo que esta última tem ainda predominância em sua constituição, por isso, para o autor a criança é um ser social.

O linguista Luiz Antônio Marcuschi (2001) considera que a fala é um modelo de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral. Defende ainda que a escrita não pode ser apontada como uma representação da fala, pois não consegue trazer a equivalência os fenômenos da oralidade como a prosódia, elemento que classifica os aspectos sonoros das palavras, os traquejos vocais e as entonações usadas para discursar, a gestualidade e os movimentos faciais utilizados para a expressividade oral.

A princípio as características responsáveis por diferenciar a língua oral das demais é que a mesma é vinculada ao meio auditivo, estando limitada ao momento de expressão; é uma interação depende de um contexto situacional de interação verbal para com o interlocutor; a fala não segue rigorosamente regras para se expressar, utilizando de repetições, improvisos, isto é, é marcada pela informalidade; é apoiada por recursos extralinguísticos como expressão facial e gestos e é menos sujeita à regras preestabelecidas. É indispensável conceber e valorizar as características específicas da língua oral para então, como profissional, contribuir no processo de aquisição e desenvolvimento da fala a partir de uma visão apropriada e estabelecer uma relação saudável com a língua.

A aprendizagem da linguagem oral se dá nas interações verbais do cotidiano, na relação com a família e também com outros sujeitos que convivem com a criança. Desde o nascimento, a criança que está em meio a um contexto em que a fala se faz presente e também a ela é direcionada, ela também atuará como participante e integrante desse grupo por meio oral, mesmo que não passe por nenhuma instrução ou treinamento voltado para tal.

Na cronologia da história humana, todos os povos viventes tiveram o marco da oralidade, aos mais antigos relatos, os primatas se comunicavam por meio de gestos e vocalizações, até desenvolverem o sistema de pinturas rupestres para representações. Partindo do ponto de vista de Marcuschi (2001), a escrita, no entanto, é mais tardia na história, tendo alguns povos a tradição escrita como parte da sociedade. Sendo assim, a fala pode ser considerada um bem natural, condição de toda comunidade humana.

1.2 As contribuições de Vygotsky sobre a trajetória de desenvolvimento da linguagem oral

Marta Kohl Oliveira (1995) ao se dedicar nos estudos da fundamentação teórica de Vygotsky (1896-1934), psicólogo russo pioneiro na área de desenvolvimento intelectual e aprendizagem das crianças que defendia a tese de que as interações e relações sociais tem importante papel no desenvolvimento humano, sendo responsável pela origem da corrente denominada Sócio Construtivismo.

O autor buscou pela compreensão do desenvolvimento humano, explorando como os fatores sociais, culturais e históricos influenciam a aquisição de conhecimentos, habilidades e a formação da identidade individual. Vygotsky dedicou-se a compreender as origens da natureza do desenvolvimento cognitivo, linguístico e social do ser humano, e entender como as pessoas internalizam os conhecimentos, as habilidades e os valores culturais que são transmitidos por meio das interações sociais. Seu trabalho ajudou a estabelecer as bases para a compreensão do desenvolvimento humano como um processo interativo e socialmente mediado².

Posto isso, Oliveira (1995) levanta uma síntese da abordagem inaugurada por esse pensador. Para ele, a linguagem é um sistema formado por signos, em que cada um deles é utilizado como instrumento mediador do pensamento, e sua função básica é de promover uma espécie de intercâmbio social. O sujeito utiliza-se da fala como um meio auxiliar de relacionar as atividades psicológicas ao meio externo, assim, concretizando a ação do homem no mundo.

Ao se comunicar oralmente, o indivíduo utiliza da fala como um sistema simbólico de signos que carrega significados culturais e sociais. Por meio da fala, é possível organizar suas experiências e pensamentos de maneira verbal. Nesse

² Mediação é um conceito-chave para a teoria vigotskiana, pois para o autor a relação do homem com o mundo é raramente direta, geralmente é indireta. Temos então dois tipos de mediação que faz a ligação do homem com o mundo: a mediação material e a mediação simbólica. A mediação material diz respeito aos objetos e elementos do mundo físico, por exemplo, para beber água, em geral, não vamos até um rio e coletamos água diretamente com as mãos e levamos à boca. Essa simples ação é toda mediada na zona urbana com o sistema de coleta e de tratamento de água e, além de todas os maquinários e tubulações, usamos o copo como mediador para essa tarefa. No caso da mediação simbólica, nos relacionamos com o mundo e com outros homens por meio das linguagens, em especial, lançando mão de signos que funcionam não só como meio de comunicação, mas ao longo do desenvolvimento da criança pequena se torna também ferramenta do pensamento.

sentido, a oralidade é considerada uma forma privilegiada de mediação entre o pensamento e o mundo real.

Essa aprendizagem se dá como um processo denominado por Vygotsky de interação³ e que pode passar pela internalização⁴. Processo pelo qual as ações e os conhecimentos presentes na sociedade são incorporadas pelo indivíduo, tornando-se parte de sua identidade. Envolve a apropriação dos signos presentes na cultura, como a palavra, efetivando uma internalização que possibilitará a transformação do simbólico em instrumentos mentais para o pensamento, regulação do comportamento e funcionamento mental.

A internalização é primordial para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, processos mentais complexos que não são inatas, mas se desenvolvem ao longo das interações sociais com o apoio de fatores educacionais. Emergem no desenvolvimento humano como resultado da interação com o ambiente sociocultural.

Para o psicólogo, são cinco as funções psicológicas superiores tipicamente humanas citadas anteriormente, sendo elas: atenção voluntária, caracterizada como a capacidade de concentração; função de planejamento e abstração, que diz respeito à capacidade de antecipar, imaginar e simbolizar uma situação; raciocínio; memória ativa, relacionada à retomada de uma lembrança e pensamento verbal, capacidade de utilizar o signo linguístico agora como matéria-prima do pensamento, o que qualifica e organiza a expressão oral.

Conforme ocorre o desdobramento de tais funções psicológicas superiores, o indivíduo passa a ser independente de marcas externas como o signo e a interação com o objeto, para entender, se posicionar e se relacionar com o mundo. Todavia, desenvolve representações mentais que são utilizadas como substitutas do contato com o real externo. É inquestionável a importância de fomentar e valorizar as experiências com a linguagem oral, pois sendo uma

³ Interação é um conceito importante para essa abordagem histórico-cultural, pois nessa perspectiva o ser humano é fruto das interações sociais, ou seja, as trocas e os intercâmbios entre o sujeito e outro sujeito, o sujeito e os objetos do mundo, o sujeito e o contexto, formam uma rede em que todos esses fatores se influenciam e agem reciprocamente, por isso, interação pode ser sintetizada como a ação entre os sujeitos.

⁴ É o modo com que ocorre a apropriação, em que, os elementos externos, a língua, a cultura, os costumes, as formas de vida que fazem parte das relações interpessoais se transformam em intrapsíquicas, portanto, há um movimento de aprendizagem, do externo para o interno em uma lógica que é única, como uma passagem transformadora.

ação de uso de signos é o que instiga a aquisição da capacidade de internalização se o ambiente oferecer condições para tal, como um ambiente farto de interações sociais verbais, por exemplo.

O contato e as experiências com o mundo real e os objetos são o ponto inicial no percurso de internalização. Desta forma o indivíduo é capaz de construir um sistema de signos mentais e os utiliza como forma de interpretar e decifrar a realidade. É válido salientar que a interação social que produz significado para o indivíduo não é situada em um cenário específico ou momentâneo. Toda esfera da vida humana é significativa e pode ter ação educativa. Trocar a fralda de um bebê, o alimentar, conversar com o mesmo e até mesmo o colocar para dormir são ações pedagógicas assim como o ensino do alfabeto, a contação de história e o conhecimento dos números. É na relação que a criança percebe os significados das ações, como o entendimento do conceito de sujeira, e a utilidade dos objetos, como o conceito de cama, por exemplo. A partir destas situações, o indivíduo adquire a matéria prima para a base de signos e internalizações.

Logo, segundo Vygotsky, o processo de internalização não é de absorção passiva, estática e submissa. O indivíduo ao atribuir os significados aos signos o interpreta individualmente. Assim sendo, os conceitos do mundo externo são incorporados e a interpretação acerca deles também passa pelo campo pessoal.

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo contínuo de idas e vindas. Acontece que o ato de pensar interage com a palavra e vice-versa a partir das experiências vividas permeadas de trocas simbólicas entre os sujeitos, porém isso não se dá desde o início da vida. Somente quando a criança utiliza com maior domínio a palavra é que temos mostras que essa articulação ocorreu. A palavra neste caso é mais que a expressão de um pensamento, passa a ser a razão da existência do pensamento. Este, tem a função de estabelecer relação entre as coisas, possibilitando o desenvolvimento o raciocínio sobre os significados. Conforme passa experimentar diversas vivências, se move, e se transforma, tornando-se responsável consequentemente pela resolução de problemas e por suas atitudes.

A fala é uma unidade cognitiva dividida em dois planos, para Vygotsky (1934), um plano é interior e outro é exterior. O primeiro campo, é o semântico, que diz respeito à compreensão dos significados, logo a sua direção é do todo

para a parte, por exemplo, quando um adulto fala para a criança, ela captura alguns dados de todos aqueles enunciados.

Já o plano exterior é o fonético, isto é, da produção sonora das crianças dentro da sua língua materna. Isso quer dizer que quando a criança pronuncia, ao seu modo, uma palavra, muitas vezes, o adulto participa do diálogo ampliando a fala da criança. Assim, progressivamente, a criança que antes dizia “quero”, passa a dizer “eu quero”, logo mais “eu quero porque estou com fome”. Portanto, o movimento de aprendizagem desses planos da fala ocorre em direções diferentes.

O processo de aquisição da oralidade nas crianças menores, inicialmente é marcado pelo domínio de uma palavra, está em sequência passa a se relacionar com duas ou mais. Conforme ocorre o processo de desenvolvimento através destas já conhecidas, o sujeito passa a formar frases simples e conseqüentemente frases complexas.

Semanticamente falando, a criança neste primeiro momento de fala, parte de um plano, complexo significativo, para futuramente, começar a dominar unidades semânticas separadas, os significados das palavras nas sentenças e a dividir seu pensamento (VYGOTSKY, 1993, p. 109).

A princípio, o pensamento da criança encontra expressão em uma única palavra, como citado anteriormente, contudo, esta é suficiente ao seu contexto, à medida que começa a necessitar expressar novas questões, passa a acumular significados para desenvolver uma base oral. O que impulsiona este processo de desenvolvimento da linguagem é a necessidade do tipo de comunicação mais específica, como a primeira função da linguagem, que possibilita a criança se expressar de forma precisa todos seus desejos e não somente suas carências.

Todavia, embora a oralidade seja um produto da junção da atividade mental com a fonética, a fala não é um completo reflexo do pensamento. Isto pois, o ato de pensar coincide com o de ato de raciocinar e de interligar, especialmente nos anos iniciais da vida de uma criança. Durante esta fase, ao manifestar uma palavra é considerada uma gramática independente do pensamento, denominada sintaxe do significado. Existe uma conexão inseparável entre características e os termos. A criança relaciona a palavra aos atributos e as características dos objetos. Sendo assim, seguindo sua linha de

raciocínio, uma “galinha” é assim chamada, não por sua espécie, mas sim porque bota ovos no galinheiro, o cachorro não é uma galinha porque não bota ovos. Não existe a possibilidade de trocar os nomes destes animais, pois significaria trocar suas especificidades.

Esse é um exemplo que esclarece a segunda função característica da linguagem, que é a do pensamento generalizante, em que a palavra se torna uma ferramenta do pensamento quando a criança identifica a galinha como o animal real, um registro gráfico que a represente, assim como um desenho animado desse bicho. Assim, a galinha ganha um lugar próprio, que a distingue dos demais e se torna única dentre os outros. Essa função do pensamento generalizante dá sofisticação ao funcionamento psicológico da criança.

Oliveira (1995) nos diz que o autor defendia a ideia de que a criança tende a criar generalizações, apontadas pela linguagem com seus significados estáveis, mesmo que haja interferências da fala de um adulto (VYGOTSKY, 1934).

O pensamento generalizante é uma espécie de relação entre as experiências e os objetos, situações reais. O sujeito correlaciona determinada memória às demais, ou seja, entende que o desenho de uma fruta é correspondente à fruta. Este pensamento de interligação não vale somente para objetos, mas também para situações sociais, assim como, a percepção nas trocas sociais a palavra “por favor” implica em um gesto educado e, portanto, passar a utilizar a palavra em suas próprias interações. É especialmente essa função que dá a linguagem o encargo de instrumento do pensamento.

A criança pequena passa por duas fases denominadas de pré-linguística do pensamento (pré-verbal) e pré-intelectual da linguagem, antes que ocorra as circunstâncias citadas acerca da associação de linguagem e pensamento. Mesmo antes de dominar a fala, a criança precisa se comunicar e resolver questões sobre suas necessidades e objetivos. Através de pensamentos práticos ela consegue, por exemplo, subir em uma cadeira para alcançar um objeto em cima da mesa sem pedir ajuda com o apoio da fala. Esta fase corresponde à pré-verbal e é marcada pela inteligência prática. Por outro lado, na fase pré-intelectual, que corresponde à mesma idade, a criança mesmo sem a mediação da linguagem, utiliza de manifestações verbais como balbucios, expressões faciais, gestos, choro e riso. Estas são um tipo de comunicação que

tem a finalidade de desentargo emocional, demonstração de anseios, necessidades e frustrações.

Para Vygotsky, no decorrer do desenvolvimento da criança, por volta dos dois anos de idade, há o encontro entre as dimensões linguística e do pensamento, que resulta em uma modificação. A linguagem então passa a ser mais racional, manifesta de maneira intelectual com função simbólica e generalizante. O pensamento agora se torna verbal, mediado por signos. Tal transformação é responsável pela mudança de contexto da criança. No momento, ela sai da prevalência impulsiva para se tornar um ser capaz de raciocinar e se expressar de forma mais assertiva. De tal maneira que, a palavra é utilizada como forma de comunicação e os impulsos não são mais imperativos. O autor enfatiza, entretanto, que o surgimento destas funções, não eliminam a continuidade da presença de pensamentos sem linguagem, que utilizam da inteligência prática, e da linguagem sem pensamento, como a ação de repetição de frases decoradas.

Ao discorrer sobre o processo de desenvolvimento da fala, é importante ressaltar um componente essencial da palavra. O significado é o pensamento sendo expresso dentro do termo. Inicialmente, quando uma criança aprende uma palavra, por exemplo, mamadeira, pode relacionar que outros tipos de garrafas também levam o mesmo nome. O significado é responsável pela aquisição do domínio da palavra, sendo o meio pelo qual o sujeito identifica o objeto, mas também pela ampliação de vocabulário, desde que compreende a distinção das características de cada coisa. É por meio desse componente que o indivíduo compreende o mundo e conseqüentemente pode agir sobre ele.

1.3 Apontamentos de ações educativas na Educação Infantil tendo como foco o desenvolvimento da oralidade

Destaca-se assim, a extrema importância de valorizar as experiências significativas na Educação Infantil, pois é nessa etapa que comparece o processo inicial de aquisição da linguagem oral. Essa é uma das formas que a criança tende a explorar o mundo na intenção de se localizar nele, logo seu conhecimento de mundo e vocabulário crescem rapidamente.

Na Educação Infantil a leitura de mundo antecede a leitura das palavras (FREIRE, 1996), assim a principal missão nesta etapa da educação é construir as bases para que as crianças tenham capacidade para participar criticamente da cultura da língua, vivenciando a fala e escrita com consciência. Antecipar o tempo de ensino das letras na infância, introduzindo os signos como primeiro percurso da língua é firmar a proposta de uma educação tecnicista.

Anteriormente na introdução deste trabalho, foi citada uma experiência em sala de aula que uma professora apresentou as crianças de dois anos a letra M, um símbolo aleatório e uma atividade centrada nas propriedades e traços de palavras soltas. Neste momento, essa proposta de ensino para uma turma de bebês e crianças menores, está apenas contribuindo para a sustentação do mito que a precocidade é uma forma de supervalorização do indivíduo.

A ideia de ensino não deve ser relacionada à antecipação de conteúdos como uma forma de valorização e especialização. Essa lógica, defende que quanto antes formados os sujeitos, melhor é sua capacidade de desenvolvimento e conseqüentemente terá mais vantagens no mercado de trabalho. Porém, cada fase do desenvolvimento é um momento único e exige respeito pelo tempo e contexto de cada criança, logo, no diz respeito à aquisição da escrita, a ação educativa na Educação Infantil é o envolvimento da criança na cultura escrita, se relacionando com os signos, principalmente seus significados e sentidos sociais. Somente assim ela será capaz de se desenvolver de forma satisfatória e significativa.

Expressar-se oralmente não é o fator único do domínio da língua. O indivíduo passa por um processo de internalização da linguagem. Desenvolvendo a chamada fala interior. Uma forma de comunicação mental, pode ser entendida como um tipo de memória verbal, que possibilita a

capacidade de cantar uma música mentalmente, raciocinar sobre percursos de trânsito ou até mesmo no contexto de um desenho, por exemplo. Tende a ser um discurso com dialeto pessoal, com abreviações e sequências distintas das normas da língua.

Em específico no contexto da criança na fase inicial de aquisição da oralidade, primeiro aprende a se expressar externamente como meio de comunicação social e mais tarde, passa por um momento específico de transição da fala direcionada para o social, a fala para si mesmo. Denominada fala egocêntrica é o discurso da criança de diálogo consigo mesma, quando pensa alto ou fala sozinha. Acontece por volta dos três anos de idade, até que o sujeito tenha capacidade suficiente para desenvolver a silenciosa habilidade de diálogo mental, o discurso interior.

A fala egocêntrica tem uma função pessoal de acompanhamento das necessidades do pensamento. Serve como apoio para memória, planejamento e organização de sequências. Por exemplo, em uma brincadeira com os colegas, a criança afirma repetidamente que precisa aguardar sua vez na tentativa de recordar a si mesma que precisa respeitar a vez do próximo. A trajetória de aquisição da linguagem, portanto, parte do domínio de processos externos para internos.

Freire (1996) defende a ideia de que desde a gestação, o bebê estabelece contato com as relações de comunicação. Durante o período de concepção, ele é idealizado, falado e sentido pelos pais, de forma que inconscientemente adquire noção da voz humana, gestos de toque e reações biológicas. Essa interação precoce com o ambiente comunicativo proporciona ao bebê uma base sólida para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas. A voz e os gestos dos pais estabelecem uma conexão afetiva que fortalece o vínculo entre eles e o bebê, permitindo-lhe compreender a linguagem como meio de expressão e comunicação desde os primeiros momentos de vida.

A fase denominada pré-linguística, possui aspectos específicos que determinam o rumo do processo de desenvolvimento do sujeito. Inicialmente, suas expressões são reflexos e futuramente passa a compreender o sentido e significado de cada atitude dentro de um contexto. Logo nas primeiras interações o bebê continua a se adequar aos hábitos da cultura que está inserido, aprende

a sonorizar ou gesticular para demonstrar medo, alegria, tristeza ou surpresa, como indicar necessidade de higiene ou fome.

Embora a maturação cerebral, auditiva e de todo aparelho fonador sejam os principais responsáveis pelo desenvolvimento do domínio da língua, outras características devem ser salientadas. Dentre elas, as vocalizações, expressas pelos sons de fonemas e balbucios são mais que barulhos, são o exercício do bebê de abrir e fechar a boca, como se estivesse estudando ao experimentar as possibilidades de produzir os diferentes sons com o movimento dos lábios.

Por volta de dois anos de idade inicia-se a fase linguística, marcada pela emissão das primeiras palavras, dotadas de intenção e significado. No auge da fase, o bebê faz uso progressivo de monossílabas e palavras com a intenção comunicativa de frases. Conforme a evolução, em um certo momento a expressão e compreensão acompanham um ritmo. Entretanto, não é o único momento de entendimento e expressão do sujeito. Inicialmente, o mesmo já compreendia, identificava e se referia as pessoas, brinquedos, objetos e necessidades.

Em um contexto educativo, o pedagogo deve intencionalmente instigar o desenvolvimento da linguagem oral. Manter-se expressivo e comunicativo durante as interações com as crianças é uma ação educativa. Espera-se que qualquer atitude gere significado. O diálogo dentro da rotina para com o bebê nessa fase é primordial para o aprendizado do mesmo. Tendo em consideração que a criança reage a tudo que se coloca como presença do outro, é importante explicar as razões de tais atitudes, a sequência dos fatos e suas consequências que proporcionam entendimento das sensações, contato com as palavras as relacionando com o significado e futuramente discriminando-as.

Em Oliveira (1995) vemos que Vygotsky caracteriza tal ambiente instigante proporcionado pelo professor como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), um conceito central na Psicologia Sociocultural. De acordo com o autor, a ZDP é definida como o potencial de desenvolvimento de uma pessoa com a assistência de um indivíduo mais experiente. Conforme as proposições do autor, cada pessoa apresenta uma zona de desenvolvimento proximal, a qual compreende habilidades e tarefas que ainda não podem ser realizadas de forma independente, porém podem ser aprendidas com a orientação de um facilitador que compartilhe suas experiências. A ZDP é uma noção que ressalta a

importância da interação social no processo de aprendizagem, afirmando que o aprendizado é mais efetivo quando são valorizadas experiências significativas e fomentada a colaboração em contexto escolar.

A ZDP de um bebê durante os anos iniciais do processo de desenvolvimento da fala é caracterizada pela sua capacidade de compreender e produzir sons, palavras e frases em um nível básico. Nessa fase, a criança está envolvida na aquisição das habilidades fonéticas e fonológicas fundamentais necessárias para a comunicação verbal. Abrange o progresso gradual no vocabulário e na fluência da expressão oral, com o apoio de um adulto mais experiente, destacando no contexto pedagógico, o professor. Através dessa interação e estímulo, a criança é capaz de avançar em seu domínio da linguagem, expandindo seu repertório de palavras e estruturas linguísticas. Essa assistência oferecida facilita o desenvolvimento da criança, permitindo-a atingir um nível mais avançado de habilidades linguísticas, que, de outra forma, seria inacessível de forma independente.

A ação dialógica é uma forma de interação comunicativa baseada no diálogo e na troca de ideias, no qual os participantes estão engajados em um processo de intercâmbio de informações. É um diálogo no qual as vozes individuais são ouvidas e respeitadas, e as ideias são construídas coletivamente por meio da interação mútua para expressar suas ideias, fazer perguntas, oferecer contribuições e construir significados conjuntamente. A ação dialógica promove a interação entre alunos e professores. Esse tipo de interação estimula o pensamento crítico, o desenvolvimento de habilidades de comunicação e a construção coletiva do conhecimento, o que caracteriza a ZDP das crianças desempenhando um papel fundamental na educação.

Alguns dos momentos importantes em que a ação dialógica deve estar presente são simples e cotidianos, como durante os cuidados com as crianças. A atitude de explicar o sentido de cada toque e olhar nos olhos da criança, questionando sobre suas preferências e sentimentos, é possível criar um ambiente de confiança e respeito. Além disso, é uma oportunidade para ensinar valores importantes, como a importância de cuidar de si mesmo, dos outros e criar a consciência de limites corporais, significado de afeto, de limpeza, de segurança e muito mais.

É importante as crianças serem motivadas neste percurso, pois é no período de desenvolvimento da linguagem que o indivíduo conhece e entende o mundo ao seu redor. Através dos significados apropriados durante o processo, a criança se percebe como parte de uma determinada cultura também sendo capaz de assimilar e produzir cultura.

Pensando no contexto escolar, é indispensável oferecer atividades e interações que estimulem manifestações orais compreensíveis articuladas. Estes momentos não devem ser específicos ou esporádicos durante o cotidiano, e sim integrados na rotina, de modo que em todas as interações entre os sujeitos em sala de aula o estímulo esteja presente.

É de suma importância que o trabalho do (a) pedagogo (a) seja percebido como principal ponte de mediação para o desenvolvimento da oralidade. Visto que é responsável por promover a contextualização dos sons, as memórias, os sentidos e os objetos dos quais a criança tem e teve contato fora do ambiente escolar. De forma que os momentos de interações com os demais colegas e adultos ao seu redor, as brincadeiras e os diálogos proporcionam de forma incondicional experiências imprescindíveis para a noção de sentidos e contextos da linguagem oral. O profissional da área atuante em creche deve então, possibilitar aos bebês e crianças menores um cotidiano repleto de ações e atividades educativas significativas visando o entendimento de situações as quais acontecem durante a rotina.

Hoffmann (2011) cita exemplos do que seria a ação educativa dentro da creche. Salienta a importância da contação de história e a influência de sua associação a gravuras e ilustrações, ao uso da variação dos tons de voz, da gesticulação do corpo e boca e a interação com a turma. Brincadeiras que utilizam objetos, exigem atenção a fala e demanda de sequências, também são ressaltadas como fatores de atuação na ação significativa. Esses aspectos permitem as pequenas crianças sentirem, de fato, uma espécie de representação do real, de forma que assim se construirá um repertório simbólico que possibilita relacionar a ideia ao universo concreto.

Outra atividade marcante dentro do conceito de ação educativa é o momento da roda de conversa. Espaço de conversação e interação sobre as situações cotidianas da vida dos pequenos, assim como, seus sentimentos, acontecimentos fora do ambiente da creche, a rotina do dia e muito mais. Além

disso, de trabalhar expressões corporais e orais por meio de canções e histórias que se relacionem com os interesses das crianças, sendo o momento em que a pedagoga deve atentamente observar as expressões corporais, balbucios, gritos e toda tentativa de comunicação infantil pode se incentivar a repetição, o acompanhamento de canções, assim como, simultaneamente, a profissional pode verbalizar com frequência suas ações na tentativa de contribuir na organização do pensamento da criança.

Considerando que as variadas manifestações de linguagens tendem a ocupar uma função de organizadora de significados para a criança, a roda de conversa é um dos principais momentos de construção do elo de afetividade dentro da rotina na creche. Funcionando como uma espécie de laboratório de linguagem, a criança neste momento tem a possibilidade de conhecer e compreender as palavras em seus amplos contextos e significados. A professora ao se possibilitar esse momento, dar liberdade de expressão as crianças e escutar fielmente suas espécies de comunicação respeita a infância inteiramente como momento de aprendizado.

Bakhtin (1979) defende que o sujeito falante concebe sua fala a partir do contato com o outro. Explicando assim a existência das variedades linguísticas, os sotaques e gírias as quais se perpetuam por gerações dentro de um povo independente de ser da mesma nacionalidade. Este tipo de linguagem cotidiana transparece os aspectos ideológicos do discurso. De forma que as crianças em fase de aquisição de linguagem tendem a se espelhar nos exemplos ao seu redor para construir sua própria visão de mundo.

Como citado anteriormente, a linguagem é o fator responsável pela concretização do sujeito como ser humano social. Por meio da linguagem, o sujeito aprende como agir e reagir em determinadas situações, interagir com o próximo, quais palavras utilizar, constitui as ações, reações e relações sociais. Dessa forma, infere-se que a fase de aquisição e desenvolvimento da oralidade é o principal momento de aprendizagem na vida do ser humano, merecendo atenção e dedicação por parte de todos que fazem parte de seu ciclo social. Merecendo atenção e devoção por todos ao redor dos pequenos, que fazem parte do seu ciclo social.

A importância atribuída à fase de aquisição vai além da demonstração de afeto e respeito pelos indivíduos em seu processo de aprendizagem. Trata-se de

um aspecto crucial para a continuidade da evolução humana em geral, como espécie e sociedade. A linguagem oral é a base para a transmissão de conhecimentos, valores, crenças, tradições, por meio dela é possível preservar a cultura, história e identidade coletiva, além de criar uma base para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais.

CAPÍTULO II - O VALOR DA RODA DE CONVERSA PARA CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, DENTRE OUTRAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

É enfatizado não somente no campo da fonoaudiologia, a necessidade de cada vez mais conversar e estimular as crianças visando o desenvolvimento de fala, na intenção de as instigarem por meio da imitação, repetição e comunicação. Mas a esfera pedagógica tem um papel ainda mais relevante neste contexto, avaliando que a oralidade se relaciona diretamente a habilidades cognitivas e sociais, como o raciocínio e autonomia. A atuação dos educadores é indiscutível no campo da oralidade, especialmente diante do cenário atual, em que o fácil acesso infantil aos dispositivos tecnológicos móveis (celular), e imóveis (televisão), embora estimulem a visão e a audição, operam por meio de exposição, logo constrói uma falta convocação ao diálogo, e os adultos responsáveis se enganam com a falsa sensação de estímulo global para as crianças.

A linguagem e a fala, são aspectos que caminham em conjunto evoluindo e se desenvolvendo de forma relacionada, entretanto, também tem suas especificidades. Partindo dessa afirmação, ao analisar uma criança com distúrbio de fala (dislalia, disfemia, apraxia da fala...) por exemplo, percebe-se que a mesma pode atingir sua conquista da linguagem e se comunicar com o mundo ao seu redor, por meio de gestos, sons ou sentenças completas ou incompletas. Mesmo com a dificuldade de fala estabelecida ela é capaz de se comunicar com o mundo real e conviver socialmente.

Deste modo, vale notar que, o exercício da fala não é destinado a padrões, ou seja, crianças típicas ou atípicas, em faixa etária diferentes e em situações particulares devem ser englobadas na demanda de exercício da língua oral. É indispensável que todas as crianças sejam estimuladas oralmente por meio de brincadeiras, diálogos e atividades pensadas e adaptadas para as características específicas da idade ou de cada sujeito.

2.1 Roda de conversa: contribuições no ambiente pedagógico

Pensando no exercício de promover o desenvolvimento da oralidade dentro das unidades escolares de Educação Infantil, é destacada a prática da “roda de conversa”. A roda é uma atividade dentro da rotina das crianças, de troca de ideias, em que a professora escuta as crianças, questiona o coletivo, instiga a participação das crianças, a turma constrói os combinados, canta, brinca e conta histórias. No intuito de dar espaço e oportunidade às crianças, a roda de conversa é uma prática pertinente para que elas exponham suas opiniões, estabeleçam diálogo, a interação social e desenvolvam o senso de coletivo. Logo, é uma ferramenta utilizada para instigar o desenvolvimento da fala e aumentar as possibilidades de vocabulário.

A roda de conversa é uma contraposição ao modelo de educação tradicional, à concepção opressora e autoritária de ensino, que destaca o professor como protagonista e único detentor de conhecimento possível na sala de aula. É uma proposta pedagógica, que entende o educando como ser tomado de vivências, capaz e livre para manifestar seus conhecimentos. A criança é respeitada e valorizada, assim como suas visões particulares do mundo ao seu redor e sua forma de manifestar isso.

Como o próprio nome indica a roda de conversa necessariamente ocorre com todos os participantes dispostos de maneira que seus corpos componham uma forma circular, em geral sentados, mas não obrigatoriamente. Essa disposição é fundamental, por ela retira qualquer hierarquia, não há um primeiro ou um último integrante, todos ali estão no mesmo patamar. Essa organização é indispensável porque permite que todos troquem olhares, tenham campo livre de visão e de acompanhamento das ações. Aqui deve reinar a circularidade de conversas e intercâmbios diversos de gestos e afetos.

A dinâmica da roda é uma prática relacionada a perspectiva dos denominados “círculos de cultura” de Paulo Freire, educador responsável pela idealização em 1950 de uma pedagogia humanista, que teve como fundamento o diálogo e a liberdade em seus trabalhos de alfabetização no Nordeste do Brasil. Mais do que dispor o grupo em uma roda, o professor clarifica que o círculo propõe como princípio fundamental a troca de ideias, de reflexões de palavras

que circulavam de acordo com o contexto, a realidade e a visão pessoal de cada indivíduo envolvido.

Freire (1987) na obra intitulada “Pedagogia do Oprimido” explica que a dinâmica trabalhada no “círculo de cultura” contribui também para a aprendizagem através da resignificação. O sujeito é exposto aos pensamentos e interpretações do outro e conseqüentemente interage com outra ideia do seu próprio mundo, sendo assim, todos os sujeitos envolvidos na roda colaboram entre si, mediante comunicação e diálogo, construindo e recriando novas consciências.

Ao objetivar o seu mundo, o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros, companheiros do seu pequeno “círculo de cultura”. Encontram-se e reencontram-se todos no mesmo mundo comum e, da coincidência das intenções que o objetivam, é que surge a comunicação, o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim juntos, recriam criticamente seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo (FREIRE, 1987, p. 6).

Sucessivamente, Celèstin Freinet (1896-1966), foi outro autor que propôs um trabalho condizente com essa perspectiva no campo da Educação Infantil, pois sua concepção de criança é aquela que é ativa e participativa do processo educacional.

Apesar de ser uma prática pedagógica, desprovida de custos, em alguns casos, ainda não ultrapassa a disposição dos corpos em forma circular. A interação do professor com os bebês e crianças menores neste momento de roda é um exercício intencional e necessita de preparação do educador para compor o diálogo e atingir ao objetivo de desafiar o vocabulário e o raciocínio das crianças. O local de fala oferecido à turma é um espaço de desafios que contribui para a formação de indivíduos participativos, críticos e independentes na sociedade.

A roda de conversa é compreendida como uma metodologia para a prática dialógica. A interação social vivenciada na situação além de enriquecer o

vocabulário e favorecer o desenvolvimento da oralidade, é também um exercício de valores de indescritível importância para a convivência em grupo. Os indivíduos aprendem a ouvir e respeitar o próximo, desenvolvem a autoestima e autoconfiança, a capacidade de expressão e o senso de coletivo. Este momento de oportunidade de direito da palavra que a criança possui a permite expor as diferentes visões e significações do mundo.

Esta proposta não se constitui em um método rígido tomado por regras fechadas, é uma orientação de ações regidas por princípios, que devem ser pensadas e adaptadas pelo professor de acordo com a sua turma. Visto que cada turma além de possuir características específicas da idade, são englobados aspectos de diferença de personalidade, contextos sociais e histórico. Em síntese, dentre os princípios citados, destaca-se a inquestionável interação professor-aluno para a aprendizagem.

O professor é um mediador na dinâmica de roda de conversa, responsável por coordenar o ensino da turma propondo dinâmicas que permitam que as crianças expressem suas dúvidas, afirmações, emoções, necessidades e descobertas⁵. É um exercício de alto potencial de aprendizagem, portanto, é fundamental que seja um momento atrativo e significado. As atividades trabalhadas necessitam ser variadas, partindo do fato que cada ação proposta, além de encorajar a expansão do vocabulário, estimula certos aspectos de desenvolvimento humano quando vivenciadas e reforçadas no cotidiano.

Flávia Motta (2009), no texto “Roda de conversa salada de criança” discute o tema e realiza uma análise sobre a roda de conversa explicitando que

⁵ Além de contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral, por meio de um ambiente dialógico e acolhedor, que permite a liberdade de expressão a roda de conversa é um momento de oportunidade do professor se perceber como investigador dos processos de aprendizagem das crianças, por isso, precisa coletar os dados que elas apresentam em suas interações. O que elas pensam? Como se relacionam com o ambiente? E com os seus pares? Como expressão suas hipóteses? Pelo o que se interessam? Para lidar com esse conjunto de dados e informações que circulam na sala de aula, os registros pedagógicos são indispensáveis para aprimorar e refletir sobre o planejamento, a ação pedagógica, assim como forma de avaliação. Os registros servem como uma ferramenta valiosa de aprendizagem nesta metodologia para o docente, pois a ação de registrar os momentos e atividades realizadas permite aos educadores acompanharem o progresso e o desenvolvimento das crianças ao longo de seu crescimento.

Esses registros são uma forma de dar corpo às evidências tangíveis do aprendizado das crianças, logo possibilita a visibilidade das aprendizagens, podendo ser usados para analisar e identificar padrões de aprendizado. A documentação neste sentido é multiforme, isto é, pode comparecer com diversos registros: escritos, fotográficos, videográficos, etc., pois, além de permitir o acompanhamento do desdobramento do percurso de aprendizagem das crianças, possibilita a concretização de um ambiente educativo que tem a liberdade de produzir cultura.

nos anos iniciais da Educação infantil, especialmente, o desenvolvimento dessa metodologia demanda a ênfase na organização deste trabalho. Em uma perspectiva apoiada em Kramer, ela ressalta os denominados “eventos” como um mecanismo para estimular o interesse das crianças para criar um espaço propício para apresentar assuntos e seus desdobramentos, capturando a atenção das mesmas para uma temática. A utilização do evento como estratégia na roda de conversa tem o propósito de valorizar as interações, questionamentos e comentários realizados pela turma, a ponto de transformá-los em um assunto significativo que propicie um momento de análise, reflexão e diálogo.

O simples acontecimento inesperado de uma barata ou qualquer outro inseto na sala de aula pode desencadear diversas possibilidades de diálogo e exploração de temas relacionados à ciência, natureza e até mesmo habilidades emocionais, como o desenvolvimento do autocontrole. Dessa forma, o evento torna-se uma oportunidade valiosa para enriquecer o ambiente de aprendizagem e promover o engajamento ativo das crianças no seu próprio processo educativo.

Por meio da atenção e valorização do professor na fala das crianças, do diálogo e reflexões, as crianças têm a oportunidade de descobrir e aprimorar informações reais com base em seus próprios conhecimentos, desenvolvendo contextualmente a oralidade e adquirindo vocabulário. O papel de mediação professor é fundamental nesse processo, pois ao demonstrar interesse e respeito pelas contribuições linguísticas das crianças no início do processo de aquisição da oralidade, elas se sentem encorajadas a expressar suas ideias e pensamentos de forma clara e articulada.

Os eventos são uma forma de organização das ideias e trocas verbais no contexto da roda de conversa, é uma mediação para contribuir com a construção de sentido nos diálogos entre as crianças. Além disso, essa metodologia proporciona a possibilidade de continuidade e correlação, assim entendendo que a criança aprende com a repetição, é importante a continuidade de narrativas com certa semelhança, de modo a proporcionar às crianças a oportunidade de refletir sobre as informações apresentadas. Essa consistência e conexão entre os eventos permitem o desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas, promovendo a compreensão, a interpretação e a expressão oral das crianças em um ambiente rico e significativo.

A roda de conversa quando mediada e organizada é um espaço de colaboração entre todos os envolvidos no processo educativo. O professor cria uma ocasião com as condições ideais para que as crianças ampliem seu vocabulário e aperfeiçoem suas habilidades de comunicação oral, por meio de um ambiente acolhedor e estimulante, caracterizado por interações positivas, por encorajamento e pelo respeito.

Contudo, a roda de conversa detém a possibilidade de ganhar diferentes configurações de desenvolvimento. Ela não está exclusiva ao planejamento previsto pelo docente, podendo ser também construída com base em um acontecimento ou fato inédito ocorrido em sala, ou ainda destacado pelo grupo. Além disso, a roda de conversa pode ser elaborada pelas próprias crianças, que têm a capacidade e a oportunidade de tomar a frente e expressar mais livremente suas demandas, bem como realizar trocas comunicativas com seus pares, de forma pouco conduzida pela professora. Esse aspecto valoriza a autonomia e a participação ativa das crianças na construção do diálogo e no compartilhamento de suas experiências, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades necessárias de comunicação social na fase inicial de aquisição da oralidade.

2.2 Propostas de atividades que envolvem a roda de conversa

O diálogo não é a única forma de estimular o vocabulário infantil, toda relação de interação das crianças com a palavra, os sons e expressões são maneiras de trabalho com a linguagem oral. O momento de roda de conversa, coloca a criança em comunicação por meio do diálogo, mas não é restrito a um molde, é um espaço aberto a contação de história, contato com a música, atividades de raciocínio, manifestações a partir de experimentações sensoriais e jogos.

Como dito anteriormente, a aquisição da linguagem oral não é um processo exclusivo ao diálogo, vivenciar a cultura escrita, o contato com livros, histórias e até mesmo imagens, permite a formulação de uma espécie de base de pré-saberes para a continuidade do desenvolvimento da oralidade, assim como para as demais áreas da língua. O autor Luiz Percival Britto (2012), defende que as crianças nos anos iniciais do desenvolvimento de linguagem oral

têm o costume de utilizar a voz de outras pessoas para ler, pegam emprestado a voz do adulto próximo para se comunicarem e leem a partir da audição. Partindo deste ponto, a história na Educação Infantil jamais pode ser confundida como uma forma de distração, é uma ação pedagógica de aprendizagem lúdica e intencional.

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a professora ou o professor se põe na função de enunciativa ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz que se anunciam num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas (BRITTO, 2012, p. 17).

A contação de história é uma oportunidade rica de exposição de palavras, imagens, expressões faciais, de induzir sentimentos e representações, ainda, neste momento ao ouvirem a história estão trabalhando funções psicológicas como atenção, a abstração, dentre outras. Por outro lado, é preciso analisar a diferença entre ler para uma criança e ler com uma criança. São duas atitudes que se diferenciam na prática pedagógica, pois, como indivíduos que aprendem na interação, precisam ter vivência com a história e narrar os acontecimentos em uma atitude que pode parecer escrever com a boca.

Durante o momento da história em sala de aula, as crianças são desafiadas a utilizar suas habilidades cognitivas e psicológicas para compreender e interpretar uma narrativa apresentada pela professora. O docente, por sua vez, como locutora, utiliza as normas da língua para transmitir as informações de forma organizada e clara, o que permite às crianças desenvolverem uma base para sua compreensão oral e escrita da língua.

O material disponibilizado pelo Ministério da Educação e Secretaria da Educação Básica (BRASIL, 2016), que compôs a coletânea de cadernos do curso de formação continuada de professores PNAIC para a Educação Infantil, traz no caderno 4 “Bebês como leitores e autores” um conjunto de práticas pedagógicas que se relacionam diretamente com a temática deste trabalho, por isso, tornou-se uma fundamentação importante neste contexto de discussão.

A narração é uma ação incondicional para a sobrevivência em sociedade, pois permite a troca de informações, a interpretação de significados e a

organização de ideias. Em vista disso, a narração da professora funciona como uma ponte de entrada a imersão na linguagem oral. Por outro lado, os bebês principalmente, necessitam de experiências de contação constantemente, pois é um exercício de diálogo. O momento de história não é uma ocasião isolada para narração, qualquer ocasião pode se tornar uma fonte de significado.

Além das atividades citadas que visam o desenvolvimento da oralidade, as músicas, as cantigas e os sons podem ser utilizados como instrumentos pedagógicos eficazes. A exposição à música apresenta as crianças nos anos iniciais de desenvolvimento, uma nova maneira de perceber a linguagem oral. Os elementos musicais, como melodia, ritmo e harmonia, apresentam aos pequenos um mundo de variações linguísticas, permitindo que descubram que as combinações de palavras podem ter resultados além da comunicação direta e semântica.

Isso significa que as crianças podem começar a compreender a música como uma forma de expressão que transcende a simples transmissão de informações, e passam a ter uma compreensão mais ampla da linguagem como um todo. Portanto, incorporar atividades musicais na rotina das crianças pode ser uma excelente estratégia para desenvolver sua oralidade e ampliar sua compreensão da linguagem.

A música é uma atividade notável para a Educação Infantil, especialmente para as crianças nos anos iniciais de vida, pois não exige o conhecimento de todas ou da maioria das palavras, os elementos musicais são atraentes o suficiente para que as mesmas demonstrem uma resposta relacionada a linguagem como gestos, movimentos corporais e expressões. A ludicidade favorece o sistema de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, assim, no momento de roda de conversa quando a criança interage com a canção, as rimas, a mesma é infiltrada em um espaço de desenvolvimento não apenas de habilidades linguísticas, mas de senso de poético e corporal.

As cantigas são representações de situações dramáticas do mundo real e apresentam a vida por meio do poético e lúdico para as crianças. O texto da canção é envolvido por entonações, e se torna uma espécie de história cantada que provoca sensações e estados emocionais, como, a vontade de cantar, de dançar, a dúvida e ansiedade pelo fechamento da história e a excitação ou relaxamento com os sons.

Vivenciar o campo sonoro para os bebês e crianças menores é uma abertura para a formação de habilidades que permitem a organização de seus sentimentos, o controle de seus movimentos e o contato com a linguagem corporal que se relaciona diretamente com a linguagem oral. As propriedades da música, como os diferentes sons, as variações de entonações e ritmos, a organização de tempo e altura também abrem espaço para a percepção de características da linguagem oral, tal qual, as diferentes maneiras de pronúncia, volume da voz e o tempo de pausa entre as sentenças durante uma conversa.

Além disto, a música é uma expressão artística que desempenha um papel fundamental na formação cultural das crianças. Em determinados momentos ela está presente para puro deleite, em outros ela pode funcionar também como um instrumento de memorização, de reforço de ações e situações culturais. Um exemplo disso são as cantigas populares, que possuem um potencial significativo na promoção da assimilação da cultura popular, permitindo que as crianças tenham contato com diferentes manifestações e costumes sociais.

Nesse contexto, as cantigas populares representam um meio eficaz de apresentar às crianças o mundo do folclore e das brincadeiras tradicionais. Essas cantigas não apenas fazem parte da cultura dos antecedentes das crianças, mas também da sua própria história e identidade cultural. Por meio das melodias e letras das cantigas, as crianças são expostas a tradições transmitidas ao longo das gerações, fortalecendo a conexão com suas raízes culturais. Assim como as músicas modernas também têm a função de inserir o indivíduo na cultura, o apresentando às variações da língua e os costumes modernos.

A partir dessa ampliação do repertório musical, a criança passa a explorar seu canto, que está situado não só na linguagem musical, quanto também na linguagem oral, que é objeto deste trabalho. Entoar cantigas de roda, de ninar, cantigas tradicionais, as crianças diversificam e complexificam suas manifestações, ainda mais quando aliadas à dança e outras manifestações corporais.

2.3 Oralidade: estímulo constante

A Educação Infantil é uma etapa na qual todas as coisas, espaços e situações são fontes infinitas de aprendizado. Nesse contexto, é fundamental que todas as interações entre os participantes da educação sejam comunicativas e dialógicas, ou seja, que permitam a troca de ideias e experiências com as crianças, principalmente durante a primeira infância, entre os bebês e crianças menores.

O processo de aquisição da linguagem oral é caracterizado pela dependência dos bebês em relação aos adultos ao seu redor, tornando-se significativo que aqueles que já possuem desenvolvimento conduzam os primeiros aprendizados sociais. A aprendizagem está diretamente ligada à experiência, portanto, para uma criança desenvolver uma percepção de independência, limpeza, cuidado e organização, é necessário que ela tenha espaço e liberdade para controlar essas ações. Da mesma forma, para um bebê seguir no processo de desenvolvimento oral, é necessário permitir que ele participe de diálogos.

A atividade de contar os acontecimentos, ações, tempo, objetos e características para as crianças na primeira infância é mais do que simplesmente situá-las em um contexto. É um ato de confiança na criança e no seu processo de desenvolvimento como um intérprete ativo de comunicação. Da mesma forma, dialogar com as crianças é uma forma de respeitar o seu potencial como indivíduos ativos e criadores de cultura. Essas ações não apenas ampliam o desejo, mas também aumentam a emoção das crianças na primeira infância, que se sentem capazes de dominar a língua.

Como citado anteriormente, a roda de conversa é um dispositivo pedagógico que pode comportar mais de um evento, que devem seguir em continuidade, em vista disto, é de suma importância o diálogo feito pelo grupo fazer parte da rotina dos pequenos. Incluir a roda de conversa no cotidiano é um exercício constante, não exclusivo de um momento. A ação do professor de relembrar comentários discutidos, combinados feitos, músicas cantadas e histórias contadas ao decorrer do dia é uma forma de situar e contextualizar as crianças, estabelecendo uma ligação entre o assunto e o mundo real e construir uma experiência significativa para aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva de incluir os acontecimentos da roda no cotidiano, alguns momentos diários e recorrentes na rotina escolar possuem grande potencial de interação. Dentre eles, a necessidade de deslocar as crianças de um espaço para outro na unidade escolar, é uma oportunidade para questionar a memória dos pequenos sobre os combinados feitos durante um momento de roda. É uma maneira de enfatizar e contextualizar as crianças sobre um diálogo que ocorreu. Além disso, seguir os combinados estabelecidos em grupo traz a consciência de respeito, empatia e responsabilidade.

O diálogo como forma de explicar as circunstâncias e transmitir valores é uma estratégia pedagógica fundamental para situar as crianças em suas vidas. Especialmente na primeira infância, as crianças possuem uma facilidade natural em conceber sentidos e incorporar as atitudes dos adultos em suas próprias atitudes. Assim, a oralidade dos educadores desempenha um papel relevante não somente na formação do vocabulário, mas na transmissão de valores. É de suma importância, portanto, controlar atitudes humanas da vida adulta como gritos, falas agressivas ou descontroladas para que não seja este um aprendizado para os pequenos.

Dessa forma, entende-se que a comunicação dialógica, é fundamentada na frequência de uma escuta atenta, no respeito e na valorização do ponto de vista das crianças. A oralidade promove um ambiente favorável ao desenvolvimento cognitivo e socioemocional infantil, estimulando a formação de uma identidade, pois a criança se percebe como uma potência. Então,

Na produção dos discursos, das práticas e interações, os lugares que as pessoas ocupam e os significados que circulam, interferem no significado produzido. Ou seja, o contexto é importante para entender o texto. Na enunciação, os lugares e as condições de onde são proferidas as palavras e produzidas as interações produzem sentidos (KRAMER *apud* MOTTA, 2009, p. 182).

Conforme mencionado anteriormente, as interações são o elemento central para a aprendizagem. A partir desse ponto, entende-se que as crianças atribuem significado, aprendem os valores e costumes sociais por meio do que ouvem, sentem, vivenciam e presenciam. É fundamental, portanto, que o estímulo à oralidade seja não somente pela prática oral em momentos específicos, e sim por meio de ações expressivas e comunicativas

constantemente no contato com as crianças, seus familiares e adultos envolvidos no processo educativo de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese básica desta pesquisa bibliográfica é que a roda de conversa é uma proposta pedagógica muito fecunda para o desenvolvimento das crianças, porém seus benefícios favorecem a todos que fazem parte dessa atividade. Ao comentar sobre o valor da roda de conversa, vale ressaltar a importância de registrar o movimento de troca de cada criança e as observações as relações verbais entre elas.

Por meio da análise dos registros, os educadores podem identificar áreas de interesse e as necessidades individuais de cada criança, oportunizando ao docente o conhecimento aprofundado de sua turma. Isso permite a produção de um planejamento de atividades e intervenções mais adequadas e personalizadas, de forma a atender às necessidades específicas de cada indivíduo. Além disso, os registros proporcionam uma base sólida para uma avaliação formativa contínua, permitindo ao educador monitorar o progresso das crianças ao longo do tempo e fazer ajustes e intervenções quando necessário.

Cada criança é resultado de uma bagagem cultural, de vivências, costumes e formas únicas de expressão. Ao reconhecer e valorizar suas especificidades, entende-se que todas as vozes são ouvidas e respeitadas. Pois promove uma cultura de respeito e apreciação pela diversidade de perspectivas e experiências. Dessa forma, os registros se consolidam como uma ferramenta valiosa para a prática pedagógica, fornecendo informações concretas e embasadas diretamente sobre o desenvolvimento das crianças. Eles são um recurso essencial para a promoção de uma educação crítica, inclusiva e acolhedora.

Dentre o conjunto de registros que formam a documentação pedagógica, podemos apontar também aqueles produzidos pelas crianças. A roda de conversa pode ser lugar para dar palco à autoria gráfica das crianças. Ao visualizar suas próprias atividades, criações e conquistas destacadas, a criança se identifica no espaço escolar, fortalecendo seu sentimento de acolhimento. Além disso, permite que reconheçam, valorizem e expressem suas próprias capacidades.

Ao visualizar suas conquistas representadas visualmente, as crianças desenvolvem confiança em suas habilidades e se sentem encorajadas a se

envolverem ativamente no processo de aprendizagem. Essa valorização promove uma mentalidade positiva em relação ao aprendizado, motivando as crianças a se aprimorarem e se recordarem de seus aprendizados.

Entendendo que as crianças são seres sociais e ativos em seu determinado contexto, é de extrema necessidade destacar suas produções, não somente com o intuito de documentação, mas também de valorização. Na fase inicial de descoberta infantil, cada criança tem uma visão única e pessoal sobre conceitos históricos e culturais, é essencial respeitar suas concepções e produções, pois isso reflete em sua percepção como potência de contribuir e impactar para a sociedade, mesmo sendo indivíduos em desenvolvimento.

Essa mentalidade de ação e iniciativa é essencial para que as crianças se tornem adultos conscientes de sua capacidade de influenciar positivamente o ambiente em que vivem. Incentivar as crianças a explorarem sua criatividade, expressarem suas ideias com liberdade e a participarem ativamente em atividades de criação, é visualizar e acreditar em uma geração de indivíduos com capacidade de análise crítica e sobretudo que valorizam a liberdade de expressão.

Em síntese, todas as análises apresentadas neste trabalho têm o intuito principal de promover uma reflexão acerca da docência na Educação Infantil, sobre a importância do cuidado e empatia para com os bebês e crianças menores nesta etapa da Educação Básica, entendendo que é um período de desenvolvimento primordial para toda a vida do indivíduo. A conquista da oralidade é simples para aqueles que já se desenvolveram, entretanto, é a linguagem oral que apresenta o mundo ao bebê e o acolhe durante seu processo de crescimento.

É necessário compreender que a docência na Educação Infantil vai além do ensino de conteúdos específicos. É um compromisso com o cuidado, o afeto e o estímulo ao desenvolvimento integral das crianças. A conquista da oralidade é apenas um aspecto desse processo, mas um aspecto fundamental, que possibilita às crianças explorar, expressar suas necessidades, pensamentos e emoções de maneira plena.

Nesse sentido, a docência na Educação Infantil desempenha um papel crucial ao proporcionar um ambiente seguro e acolhedor, onde os bebês e crianças menores possam se desenvolver plenamente. É imprescindível,

portanto, cuidar, respeitar e valorizar as crianças nos anos iniciais de desenvolvimento para proteger não somente o futuro da uma sociedade, mas o presente de um ser humano. A pedagogia é neste caso, o eixo norteador que tem como objetivo oferecer à criança a oportunidade de ser sua melhor forma possível.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1979.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2010.

BRASIL. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 20/2009, aprovado em 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009. In: BRASIL. Ministério da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Bebês como leitores e autores**. Brasília: MEC/SEB, 2016.

BRITTO, Luiz Percival. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. São Paulo, SP: Editora ABC, 2012.

CAGLIARI, Luiz C. **Alfabetização e linguística**: a realidade linguística da criança. São Paulo: Scipione, 2010.

CAIGURA, Rosana R.; CASTRO, Marilene C.; COSTA, Márcia R. **Bebês na escola**: observação, sensibilidade e experiências essenciais. Porto Alegre: Mediação, 2015.

FARIA, Ana Lúcia G.; MELLO, Suely A. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOFFMANN, Jussara; SILVA, Maria Beatriz G. **Ação educativa na creche**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2001.

MOTTA, Flávia. **Salada de crianças**: a roda de conversa como prática dialógica. Campinas: Papyrus, 2009.

OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. São Paulo: Vozes 1995.

ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia. **Educação infantil: enfoques em diálogo**. Campinas: Papyrus, 2011.

SACALOSKI, Marisa; ALAVARSI, Edna; GUERRA, Gleidis. **Fonoaudiologia na escola**. São Paulo: Lovise, 2000.

VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1934.

WASZ-HOCKERT, Ole. ... In: BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Lovise, 1995, p. 115-122.